

Sou uma, mas não sou só: histórias de vida e redes de relacionamentos no programa radiofônico Mulheres Primeiro ¹

Vera Sirlei MARTINS²

Mirian Redin de QUADROS³

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

Resumo

Este artigo analisa trajetórias e redes de 36 mulheres da UFSM/FW, entrevistadas no programa Mulheres Primeiro (2024-2025). Fundamentado em violências de gênero (Bellini; Mello, 2022) e hermenêutica crítica feminista (Fiorenza, 2009), o estudo evidencia a centralidade das relações familiares, o protagonismo materno e os vínculos estabelecidos no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: gênero; mulheres; entrevista; hermenêutica crítica feminista

Introdução

Este texto apresenta as reflexões sobre histórias de vidas de mulheres vinculadas a Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (UFSM/FW). São abordagens iniciais a partir dos relatos colhidos durante as gravações do programa radiofônico Mulheres Primeiro, que entrevistou docentes, estudantes, técnicas administrativas em educação (TAEs) e profissionais terceirizadas nos anos de 2024 e 2025. Produzido por uma equipe de mulheres, docentes e estudantes dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas, o programa tem como objetivo dar visibilidade à trajetória dessas mulheres por meio de suas histórias de vida. O programa é veiculado semanalmente nas duas rádios da UFSM (AM e FM), na Rádio Comunitária de Frederico Westphalen e, posteriormente, disponibilizado em formato de podcast no Spotify⁴.

A sistematização das entrevistas está organizada, a partir deste ponto, em quatro partes: uma reflexão teórica sobre as experiências de gênero das mulheres no

1 Trabalho apresentado como resumo expandido no GP Comunicação Intercultural, Interseccionalidade e Governança, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

2 Doutora em Comunicação pelo Poscom/UFSM, Docente do curso de Relações Públicas – Bacharelado na UFSM/FW, e-mail: vera.martins@ufsm.br

3 Doutora em Comunicação pelo Poscom/UFSM, Docente do curso de Jornalismo – Bacharelado na UFSM/FW, e-mail: mirian.quadros@ufsm.br

4 Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1gGPzotAPHObidX00sgFG?si=fa1341700c694b79>

contexto universitário; a abordagem da hermenêutica crítica feminista (Fiorenza, 2009) como escolha metodológica; o perfil das participantes do programa e suas redes de relacionamentos com outras mulheres, além das considerações finais.

1. Violência estrutural nas organizações

Escutamos trajetórias de mulheres em uma universidade federal, mantida pelo Estado brasileiro. Estado este que carrega os avanços políticos e burocráticos atuais, e suas contradições: promove desenvolvimento social relevante, mas reproduz conservadorismos, hierarquizações e violências com seus públicos. É nesse contexto que mulheres ingressam como estudantes e profissionais.

Daniela Bellini e Roseli de Mello (2022) lembram que a violência de gênero pode ser cometida no âmbito familiar, na comunidade e pelo Estado. A partir de uma revisão de literatura, elas destacam quatro motivos para a reprodução e a perpetuação da violência contra as mulheres no contexto universitário.

O primeiro fator refere-se às estruturas de poder que hierarquizam homens sobre mulheres e professores sobre estudantes. As autoras citam também o contexto institucional, que recebe denúncias com desconfiança, gerando culpabilização das vítimas. Esse cenário é agravado pela socialização feminina, que estimula a competição em vez da solidariedade (Bellini; Mello, 2022). Soma-se a isso a naturalização da violência e a manutenção de privilégios machistas. Finalmente, Bellini e Mello (2022) apontam a "dinâmica sexista", que valida comportamentos agressivos entre pares, de docentes para técnicos e em espaços de lazer ou moradia estudantil.

2. Abordagem feminista como metodologia e prática

Neste estudo, reivindicamos o poder das palavras proferidas por mulheres e naturalização dos relatos de vida como discursos públicos, que devem compor a memória coletiva do nosso tempo. Para isso nos apoiamos na hermenêutica crítica feminista de Elisabeth Fiorenza (2009). A autora propõe um método que não está focado nos textos dominantes, mas que coloca no centro do seu fazer as mulheres, suas falas, textos, leituras e interpretações sobre o mundo. Fiorenza (2009) diz que é preciso “uma política de interpretação radicalmente democrática”, que além de

desconstruir posições patriarcais, mostre as construções que emergem de posições subjetivas alternativas.

Dentre os sete giros hermenêuticos elaborados pela autora, elegemos a hermenêutica da relembração e da reconstrução para guiar nosso olhar sobre as redes de relacionamentos com outras mulheres por nossas entrevistadas ao narrar suas histórias de vida. Para Fiorenza (2009), esse giro faz um trabalho reconstrutivo ao nos lembrar que sempre devemos supor que as mulheres estão presentes e ativas na história (mesmo que não haja registros).

3. Mulheres Primeiro

3.1 O perfil geral das entrevistadas

Entre 2024 e 2025, o Mulheres Primeiro entrevistou 36 mulheres que atuam na UFSM, no campus de FW: foram 11 docentes, 10 estudantes (com representação de todos os cursos do campus⁵), nove técnicas em assuntos educacionais e seis terceirizadas. As 11 docentes estão na faixa dos 40 anos; nove são casadas, uma é divorciada e uma é solteira. Três delas não têm filhos. Nove são gaúchas, uma natural de FW e as outras duas são oriundas de São Paulo e Santa Catarina. São todas mulheres brancas. Quanto à formação, são todas doutoras. No momento da gravação do programa, cinco ocupavam cargos em coordenações de curso e chefia de departamentos.

Das estudantes, nove têm entre 20 e 21 anos e uma tem mais de 30, sendo a única casada. Duas são mães. As demais não têm filhos, são solteiras ou estão em relacionamentos (namorando). Uma delas fez referência à raça, se declarando negra. Oito são naturais do RS, uma do Rio de Janeiro e uma do Mato Grosso.

Foram entrevistadas nove técnicas em assuntos educacionais. São mulheres brancas, que têm ensino superior completo; oito têm mestrado e uma é doutora. Todas são gaúchas e seis são naturais de FW. Duas são solteiras, duas divorciadas e as demais casadas. Seis delas têm filhos. A mais velha tem mais de 60 anos.

Seis das entrevistadas são contratadas pela empresa que presta os serviços terceirizados, em diversas áreas, para a UFSM. A entrevistada mais antiga na

5 O campus da UFSM/FW possui seis cursos de graduação presenciais: Agronomia, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Florestal, Jornalismo, Relações Públicas e Sistemas de Informação.

prestação destes serviços foi encarregada da empresa no campus e hoje está em licença-saúde. Das seis entrevistadas, uma é solteira e não tem filhos; duas são divorciadas, três são casadas e cinco são mães.

Em relação ao perfil das entrevistadas, destacamos alguns aspectos. O alto nível de escolaridade observado, por exemplo, entre docentes e técnicas reflete os critérios para ingresso nos cargos, como na docência, e as oportunidades de qualificação ofertadas pela universidade pública aos seus quadros de pessoal, como é o caso das TAES. Junto às profissionais terceirizadas esse dado não aparece, mas é sabido que se trata de contratos precarizados, com baixa remuneração, não atraindo pessoas com alto grau de instrução.

Já a predominância de pessoas brancas nos quatro grupos de entrevistadas mostra a realidade de acesso à universidade pública. Seja para concorrer às vagas de concurso, ou acessar a formação superior, os efeitos do racismo estrutural são visíveis. Este dado reflete ainda a distribuição étnica/racial da população da região onde está localizado o campus.

3.2 As mulheres e suas redes de relacionamento com outras mulheres

Durante as entrevistas, as convidadas mencionaram outras mulheres que formam suas redes de relacionamentos. A análise dessa rede foi realizada a partir da transcrição das entrevistas e da identificação dessas menções. A transcrição foi realizada por meio da ferramenta Pinpoint. Após, foi utilizado o assistente de inteligência artificial do Google, Gemini, integrado ao Pinpoint, para a identificação das menções às mulheres citadas. A filtragem dos dados foi efetuada de forma manual.⁶ Desta forma, chegou-se a um total de 158 menções, sendo que cada entrevistada fez referência, em média, a 4,3 mulheres. As mencionadas pelas entrevistadas foram classificadas de acordo com seu vínculo. As categorias que emergiram do *corpus*, foram: Família, Amizades, Educação, Trabalho, Religião, Esporte, Política e Outros Vínculos.

A análise da rede, a partir da categorização, demonstrou a prevalência dos vínculos familiares, mencionados por 32 entrevistadas (88,8%). As mães foram as

⁶ Excluíram-se as menções genéricas a mulheres sem relação direta ou próxima com as entrevistadas.

mulheres ligadas à família mais citadas, lembradas por 30 entrevistadas (83,3%). Relações de amizade com outras mulheres foram mencionadas por 17 participantes (47,2%). Vínculos relacionados a Educação e Trabalho, respectivamente, acumularam 44,4% e 30,5% das menções das entrevistadas. Somadas, as citações a mulheres ligadas a estas duas categorias alcançam 27 menções, um dado expressivo, considerando que o programa, bem como as entrevistadas, está em contexto universitário. Vínculos ligados à Religião, Política e Esporte foram mencionados, respectivamente, cinco, duas e uma vez. Já Outros Vínculos foram citados seis vezes pelo conjunto de entrevistadas.

Considerações Finais

Os vínculos firmados entre mulheres, reconstruídos nos relatos de suas histórias de vida, evidenciam a relevância das redes de apoio, confiança e solidariedade na constituição de trajetórias pessoais e profissionais. O predomínio de laços familiares e de amizade reforça o papel dessas relações no fortalecimento emocional, na permanência acadêmica e na inserção no mundo do trabalho. No contexto universitário, ainda marcado por práticas machistas e por opressões que atravessam as relações acadêmicas, a menção a colegas, professoras, orientadoras e alunas demonstra que redes afetivas e políticas também se constroem nesses espaços, produzindo reconhecimento, pertencimento e resistência. Tais vínculos contribuem para tensionar hierarquias de gênero historicamente naturalizadas. Etapas futuras da pesquisa buscarão aprofundar a análise sobre a natureza dessas relações, as percepções acerca das violências de gênero e o potencial reflexivo da metodologia da história de vida.

Referências

BELLINI, Daniela Mara Gouvêa, MELLO, Roseli Rodrigues de Mello. As contribuições científicas para a prevenção e superação da violência de gênero nas universidades. IN: ZANELLO, Valeska. ALMEIDA, Tania M. Campos de (org). **Panoramas da violência contra mulheres nas universidades brasileiras e latino-Americanas**. Brasília: OAB Editora, 2022.

FIORENZA, Elisabeth S. **Caminhos da Sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009. 256 p.